

Irã anuncia acordo para controlar estreito de Hormuz com Omã



Via seguirá travada até que detalhes sejam finalizados e EUA concordem

Por **Igor Gielow (Folhapress)**

O governo do Irã anunciou na quarta (26) ter chegado a um acordo com Omã para controlar o estreito de Hormuz, a estratégica via marítima por onde passava um quinto da produção mundial de petróleo e gás natural liquefeito antes da atual guerra no Oriente Médio.

Segundo o vice-chanceler Kazem Gharibabadi, o estreito permanecerá obstruído até que os detalhes do arranjo sejam finalizados, o que não ocorreu ainda. “A rota acertada é temporária”, afirmou à TV estatal iraniana após discussões com autoridades omanis em Teerã.

Adicionando dúvida sobre o anúncio, segundo a Guarda Revolucionária a medida só irá ser implementada quando os EUA concordarem com seus termos. “Nessas negociações, acordos foram alcançados acerca da fátia do Irã e de Omã nas águas e nas suas recei-

tas”, disse o porta-voz Hossein Mohebbi à mídia estatal.

Os Estados Unidos, que iniciaram a guerra ora congelada ao lado de Israel em 28 de fevereiro, já disseram se opor a qualquer solução para Hormuz que não passe por seu controle. Na semana passada, o presidente Donald Trump chegou a ameaçar bombardear Omã, um aliado americano, se a negociação com a teocracia prosperasse. Antes da guerra, o sultanato agia como principal mediador de conversas entre os rivais, e no conflito foi alvejado até aqui 70 vezes pela teocracia.

Com a guerra, o Irã buscou asseverar controle da região ameaçando e atacando petroleiros e outros navios. Deu certo: o trânsito caiu de até 140 embarcações diárias para um volume mínimo, com momentos de aumento durante as insustentáveis tréguas do conflito.

Em fevereiro, a média móvel de sete dias, uma conta que

Trump havia dito que bombardearia aliado árabe se negociação prosperasse

harmoniza eventuais picos ou disrupções, era de 95 navios. Na terça (25), segundo o monitor MarineTraffic, foram apenas 5, todos passando pelo corredor autorizado pelas águas iranianas, que pressupõe pagamento de pedágio.

Pelo que disse o porta-voz da Guarda, há a previsão de uma taxa sobre cargas transitadas, a exemplo do que o Egito cobra por controlar ambas as margens do vital canal de Suez, que liga o mar Vermelho ao Mediterrâneo, caminho mais curto ligando as exportações da China à Europa. Nenhum valor foi divulgado.

A disrupção afetou cadeias logísticas, com cerca de 6.000 marinheiros em navios fundeados no Golfo Pérsico desde então, e o preço do petróleo

hoje está 20% acima do valor cobrado em fevereiro, com impacto em dominó sobre várias economias.

Segundo Gharibabadi, o corredor temporário terá ao todo 11,3 km de largura e terá entrada e saída por águas territoriais do Irã.

O anúncio do Irã, que ainda não foi comentado pelo governo de Omã, ocorreu um dia depois de os EUA anunciarem sanções a 60 indivíduos e empresas ligadas à teocracia, e ameaçar punições secundárias a países que fazem negócios com Teerã.

A ameaça envolve principalmente a China, caso seja levada adiante. Pequim comprava quase 90% do petróleo iraniano antes do conflito, usando empresas de terceiros países, como a Malásia, para driblar o risco de sanções. O Brasil tem um comércio, ainda que de irrisórios US\$ 3 bilhões quase todos em seu favor no ano passado, com Teerã.

Nesta quarta, o presidente

iraniano, Masoud Pezeshkian, disse que “os EUA não vão conseguir nada com pressão econômica a essa altura, assim como foram incapazes de alcançar qualquer coisa com a guerra”, afirmou à agência Isna.

O Irã vive sob sanções ocidentais desde a Revolução Islâmica que tornou o país um regime teocrático, em 1979.

Em 2015, um acordo com EUA e outras potências levantou as punições em troca da promessa de que Teerã não buscaria a bomba atômica, mas a desconfiança de Trump sobre o arranjo o fez deixá-lo em 2018.

A anunciada guerra econômica de Trump para asfixiar o regime, portanto, é de efeito duvidoso até aqui.

Por ora, Trump ganha tempo. A guerra é impopular nos EUA e seu Partido Republicano poderá perder o controle das duas Casas do Congresso na eleição de meio de mandato em novembro.

Inundações entre Nepal e Tibete matam mais de 160

Inundações catastróficas na região do Himalaia entre o Nepal e o Tibete chinês mataram ao menos 160 pessoas na quarta-feira (26), segundo autoridades locais. Mais de 500 pessoas estão desaparecidas. Casas e estradas foram destruídas, pontes arrastadas pela correnteza e vilarejos inteiros ficaram submersos em lama.

A causa da enchente ainda não foi esclarecida, e a dimensão do desastre ainda é incerta. Informações preliminares indicam que um terremoto teria atingido a região e provocado uma avalanche de gelo e rochas, causando as inundações.

Segundo o órgão de turismo do Nepal, ao menos 500 pessoas estão desaparecidas, dos quais 341 estrangeiros. O grupo inclui 105 indianos, 12 britânicos e três americanos, além de cidadãos da Austrália, Holanda, Ma-

lásia e África do Sul. O primeiro-ministro do Nepal, Balendra Shah, afirmou que equipes da polícia e do Exército se uniram aos esforços de resgate.

Casas e estradas foram arrastadas pela no país. No Tibete, autoridades disseram temer “grandes perdas humanas”, depois que um deslizamento de terra atingiu o porto de Gyirong, na fronteira entre os dois países. Imagens captadas por câmeras de segurança mostram pessoas correndo segundos antes de a terra atingir o local, soterrando veículos e destruindo a estrutura.

No Nepal, helicópteros de resgate não conseguiram pousar nas áreas afetadas de Syapru Besi e Timure, no distrito montanhoso de Rasuwa, que tem cerca de 50 mil habitantes, porque que o rio Bhote Koshi transbordou.

O porta-voz do Exército nepalês, Raja Ram Basnet, disse que os helicópteros só poderão pousar no local quando o nível da água baixar.

Imagens exibidas na televisão mostraram casas destruídas em meio à enchente, carros à deriva e uma ponte metálica sendo levada pela correnteza. Testemunhas relataram à Reuters que a água engoliu vilarejos inteiros.

O administrador distrital (equivalente a prefeito) Narendra Pariyar pediu que moradores das margens do Bhote Koshi deixassem as áreas mais baixas e se deslocassem para locais mais altos.

“Há devastação para onde quer que a gente olhe”, disse à Reuters Tula Bahadur BK, agente de saúde em Rasuwa. Segundo ele, os povoados às margens do rio foram comple-

tamente destruídos, e cinco de seus próprios parentes estão desaparecidos.

As autoridades alertaram que uma segunda inundação pode ocorrer, pois um bloqueio ainda permanece em um trecho do rio Lhende Khola. Alertas de enchentes também foram emitidos nos estados indianos de Bihar e Uttar Pradesh, que fazem fronteira com o Nepal, já que vários rios descem do Himalaia em direção às planícies dessas regiões.

O deslizamento bloqueou estradas e cortou o fornecimento de energia na região. O porto de Gyirong fica situado às margens do rio Kyirong Tsangpo, a cerca de 1.850 metros de altitude, no fundo de um desfiladeiro do Himalaia.

O dirigente da China, Xi Jinping, pediu esforços totais nas buscas pelos desaparecidos,

além do reforço dos sistemas de monitoramento e alerta antecipado para evitar novos desastres.

O Ministério da Energia do Nepal informou que 430 megawatts do fornecimento de eletricidade do país foram afetados, a maior parte proveniente de usinas hidrelétricas -o equivalente a mais de 12% da capacidade hidrelétrica total do país, de 3,2 gigawatts, segundo cálculo da Reuters.

O desastre agrava os problemas do governo recém-eleito do Nepal e de seu primeiro-ministro de 36 anos, Balendra Shah, que chegou ao poder impulsionado por um movimento de protesto liderado por jovens no ano passado. O ministro da Educação, Sasmit Pokharel, afirmou que o país pediu ajuda a seus dois vizinhos, China e Índia, para reforçar as operações de resgate.